



Produção telejornalística: a questão da violência contra a mulher¹

Francielli Cristina CAMPIOLO²

Ariane Carla PEREIRA³

Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, PR.

Resumo

A produção de uma reportagem para a televisão propicia a vivência de uma redação comum aos telejornais de veiculação nacional. As etapas de produção e a passagem por funções distintas são fundamentais para o aprendizado do Telejornalismo, além do trabalho em grupo, o respeito aos prazos e a cooperação, pois uma reportagem não se faz sozinho. O relato da personagem na produção da matéria sobre a violência contra a mulher, fez-se repensar alguns pré-conceitos, conhecer uma realidade social antes, distante. Pode-se repensar o que é relevante abordar, os cuidados com a imagem, com a identidade de uma pessoa que se encontra vulnerável.

Palavras-chave: jornalismo informativo; telejornalismo; reportagem para TV; violência contra a mulher; lei Maria da Penha.

Introdução

O telejornal disputa espaço com o jornal impresso, a revista, o rádio e também com a Internet. Ele se utiliza do recurso audiovisual para apresentar notícias de maneira a atingir uma massa heterogênea, pois com o uso da oralidade faz-se entender tanto por letrados quanto por analfabetos. No Brasil, a televisão é tida não apenas como um veículo de comunicação, mas como uma condição de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população. Por isso tem relevante função social e política.

Para Guilherme Jorge de Rezende, “é improvável que o telejornalismo esteja cumprindo satisfatoriamente essa missão social, uma vez que está atrelado às grandes corporações que controlam as estações de TV” motivadas mais pelos interesses econômicos e políticos do que pelas necessidades das camadas populares. Segundo ele, são vários os fatores que levaram a TV a se tornar mais importante no Brasil do que em outros países: a má distribuição de renda, a baixa escolaridade, a concentração da propriedade das emissoras e, porque não, a alta qualidade da teledramaturgia nacional.

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna líder do grupo e estudante do 4º ano do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: francampioolo@hotmail.com. Participaram também da produção da reportagem as estudantes Ádria Tavares e Suellen Vieira.

³ Professora Orientadora, email: ariane_carla@uol.com.br.



Considerando os argumentos de Rezende, o noticiário deve adentrar em questões de interesse da sociedade para que, ao receber a mensagem, o receptor apreenda a informação e, de alguma forma, ela interfira positivamente em sua realidade.

O vídeo proporciona à TV a ênfase na linguagem falada e na imagem, o que causa a perda da abstração. A afirmação de Roy Armes é que “os informes em diários oficiais são frios e desprovidos de emoção, tudo reduzido a um único parágrafo, ao passo que a transmissão nos proporciona toda a emoção dos debates, a ênfase das palavras, (...) que uma transcrição escrita ignora” (ARMES, 1999, p.17). O que é falado se concretiza na imagem, portanto, o telespectador não necessita imaginar o fato narrado.

Tomando em conta as reflexões acima, procurou-se elaborar uma reportagem sobre a violência contra a mulher sob supervisão da professora, ministrante da disciplina de Telejornalismo, Ariane Carla Pereira. A reportagem foi construída com a perspectiva de atingir o público local (Guarapuava), de aproximar a realidade palpável às produtoras e aos receptores e então, alcançar, com o conteúdo, não só uma ação, mas uma reflexão a cerca do assunto.

É indispensável estabelecer a ética como limite, privilegiar a boa informação, respeitar o interesse público e do público. É preciso buscar uma formação que sustente o senso crítico e permita identificar o que é uma notícia e a dimensão de um fato. Facilmente, um profissional ruim pode se transformar num agente da desinformação, o pecado maior de um jornalista. (Bistane e Bacellar, 2006, p.10).

O tema foi escolhido justamente por ser considerado relevante, principalmente para mulheres, por refletir a vulnerabilidade delas em uma situação de agressão e por abranger a Lei Maria da Penha e torná-la mais conhecida em Guarapuava. Assim, a reportagem zelou pelos princípios de uma produção não superficial a fim de oferecer informação de interesse do telespectador, visto que a televisão é um meio de, não apenas, reproduzir, mas de criticar a realidade.

Artifícios da TV

Cada veículo transmite a informação de acordo com as possibilidades e as limitações que lhe é característico. Na TV, para iniciar a construção das matérias, deve-se considerar o limite de tempo. É necessário contar em dois ou três minutos o que aconteceu em horas, por isso, então, torna-se um desafio relatar o fato com precisão e síntese, de forma atraente e inteligível.



A TV conta com um recurso rico que é a imagem, estática ou em movimento. É possível utilizar imagens de arquivo, gráficos, tarjas, simulações de acidentes, desenhos e audiotapes. As imagens dão força à notícia, credibilidade e noção de veracidade já que a forma de se dirigir ao público é a mais direta possível. A mensagem icônica tem tanta força que, para muitas pessoas, o que aparece na tela é a realidade e isso justifica o seu *status* elevado capaz de fazer com que os possuem pouca criticidade a considere incapaz de mentir para milhões de pessoas (Rezende,2000).

Outros recursos são o apresentador e o repórter propriamente, que aproximam o telespectador mantendo um diálogo, criando uma intimidade, uma confiança através da fala com os olhos voltados diretamente para a câmera. Também a linguagem coloquial, a qual contribui para que haja essa intimidade entre emissor e receptor na mensagem.

O texto precisa se aproximar da oralidade cotidiana sem deixar de seguir a norma culta. O personagem contando experiências ou o que viu sobre o acontecimento é um recurso contemporâneo que agrada ao público por serem pessoas comuns. A personagem foi fundamental para a produção da reportagem, e, para o conhecimento da situação em que ela se encontrava, houve embasamento na Lei Maria da Penha.

A Lei Maria da Penha

Cabe um breve explicação sobre esta Lei que norteou a reportagem. A Lei Maria da Penha entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006 com o intuito de proporcionar instrumentos adequados para punir aqueles que cometem agressões contra mulheres no âmbito doméstico ou familiar.

O nome da Lei foi dado em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes, agredida pelo marido durante seis anos. Em uma das agressões com arma de fogo ela ficou paraplégica e após 19 anos de julgamento seu marido foi punido, mas ficou apenas dois anos em regime fechado.

A Lei possibilita que os agressores sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada e, também, que eles não sejam punidos mais com penas alternativas. A legislação prevê medidas como a saída do agressor do domicílio e a proibição de aproximação da mulher e dos filhos.



O conhecimento da Lei foi essencial para que se pudesse transmitir uma reportagem sobre o assunto. Para entender o caso da personagem e fazer perguntas pertinentes para as fontes.

A produção da reportagem

A reportagem a que este artigo se refere, não foi feita isoladamente, foi similar ao que se apresenta em grandes redes de televisão: incluída num noticiário jornalístico. Ela faz parte de um trabalho árduo de produção de dez edições do telejornal-laboratório denominado Terceiro Planalto, entre os meses de abril e agosto de 2008.

A disciplina de Telejornalismo é cumprida na terceira série da atual grade do curso de Jornalismo da Unicentro. A docente responsável, Ariane Pereira, ministrou as aulas em três etapas: telejornal-laboratório; grande-reportagem laboratório e documentário. A primeira delas, que cabe aqui discutir, realizou-se com a finalidade de propiciar aos acadêmicos a vivência da rotina de uma redação de TV e a prática do jornalismo informativo.

Os alunos foram divididos por funções, que se alternavam, possibilitando todos a exercerem cada uma dessas funções ao menos uma vez. Entre elas havia editor-chefe, chefe de reportagem, editores, editor de nota coberta, repórteres, pauteiros/produtores e produtor de link/entrevista de estúdio. A partir da divisão, foram formadas equipes compostas por um pauteiro/produtor, um repórter e um editor.

O pauteiro/produtor é encarregado de levantar informações para delimitar o enfoque e conduzir a reportagem. Ele deve buscar fontes e personagens, agendar entrevistas e locações para o bom andamento da produção. O repórter é responsável pelas entrevistas, por elaborar o texto que melhor relate o fato ao telespectador. Já o editor tem a responsabilidade de editar as imagens, as falas dos entrevistados, a trilha sonora, enfim, de finalizar a reportagem. Na produção da reportagem com a temática da violência contra a mulher, a equipe foi composta pela pauteira Ádria Tavares, pela repórter Francielli Campiolo e pela editora Suellen Vieira da edição número seis do Terceiro Planalto.

Os telejornais tiveram enfoques distintos, assim, houve abrangência do público-alvo de acordo com o horário de exibição e, conseqüentemente, da linguagem e dos temas abordados. Na sexta edição, foi determinado que se trataria de um jornal veiculado ao



meio-dia caracterizado com sendo destinado à pessoas em horário de almoço e que, por isso, devem ser abordadas de maneira mais leve. A partir disso foram discutidas editorias, entre outras, voltadas para a mãe por ser o público prioritário do período, com assuntos de culinária, saúde, educação, turismo.

Portanto, a violência contra a mulher foi um tema julgado pertinente às condições de produção. Os processos de elaboração de pauta, de entrevistas, de texto e edição de todo o material recolhido tiveram duração de sete dias. Após finalizada a reportagem, ela foi apresentada para avaliação da professora junto às outras reportagens que compuseram o telejornal.

A primeira preocupação foi encontrar um personagem para contar experiências e com isso humanizar a reportagem, aproximar a realidade ao telespectador. A reportagem foi quase que exclusivamente com depoimentos da personagem que preferiu usar o nome fictício de Maria da Esperança para não se expor e gerar qualquer tipo de consequência como danos morais, físicos, sociais ou psicológicos. Foram tomados alguns cuidados quanto à imagem, pois a personagem estava em situação vulnerável. Buscou-se mais duas fontes para falar sobre a Lei, sobre como a mulher pode recorrer para receber amparo em caso de violência. As imagens foram feitas para irem ao encontro do texto, para “casarem” com o texto.

Para a edição foi pensado em um relógio para a abertura com o intuito de chamar a atenção para o fato da quantidade de vítimas de agressão num determinado tempo.

“Na televisão, a matéria pode e deve começar da mais diferentes maneiras. Em alguns casos, o melhor para abrir o VT pode ser uma boa imagem de impacto. Ou, quem sabe, um barulho revelador. Ou, ainda, uma declaração importante, poética ou completamente inusitada” (Bistane e Bacellar, 2006, p.13).

Outro recurso visual empregado foi a arte para reforçar as informações narradas em *off*. Também o som, as músicas porque fazem parte da estrutura narrativa e deixam um “clima” pretensioso, neste caso o de comoção, de preocupação com as pessoas que sofrem com agressões.

As produções dos acadêmicos foram veiculadas, em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade, através do Telejornal Unicentro. Foram ao ar nas sextas-feiras às 20h00 pela TV Cidade e as 22h30 pela TV Difusora, canais locais a cabo.

Considerações finais



A prática da produção da reportagem permitiu a vivência em uma redação telejornalística no ambiente acadêmico. Fazer a matéria, da maneira como se vê nos telejornais das grandes emissoras foi uma aproximação com o trabalho em TV. Passou-se a conhecer as etapas do processo de elaboração, as funções desempenhadas por cada um, a importância do trabalho em grupo para obter um bom produto final.

Segurar a câmera, o microfone, contatar as fontes, conhecer sobre o assunto abordado, estruturar o texto e transformar tudo isso em reportagem para TV, de não muito mais que quatro minutos, precisou de muito trabalho. E isso veio acrescentar muito para o andamento do curso.

É essencial para o Telejornalismo a prática: as discussões de pautas, de conteúdo, de público-alvo, foram o que propiciaram para que se efetivasse essa produção. A prática juntamente com a teoria enriquece o aprendizado e traz experiências capazes de aumentar o senso crítico e humanizar quem se dispõe a ir às ruas em busca do que é realmente importante para a sociedade.

Referências bibliográficas

ARMES, Roy. **On video:** o significado do vídeo nos meios de comunicação (tradução de George Schlesinger). São Paulo: Summus, 1999.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV.** São Paulo: Contexto, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.